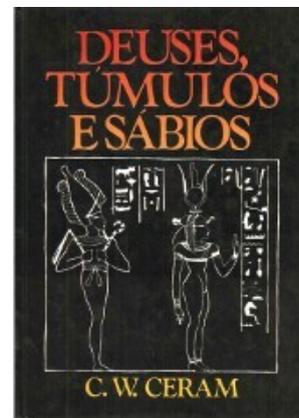


Reencarnação, uma evidência

Ao lermos o livro *Deuses, Túmulos e Sábios* de C. W. Ceram – pseudônimo do escritor alemão Kurt Wilhelm Marek (1915-1972) –, deparamo-nos com um caso que acreditamos ser uma evidência bem nítida da reencarnação. Importante, ressaltar que esse livro trata de pesquisas arqueológicas, não é portanto, um livro sobre reencarnação. O prefácio é datado de novembro de 1949. O autor diz que seu livro é um “Romance da Arqueologia”, e acrescenta:



Contudo é um “romance real”, e isso, no presente caso, quer dizer em sentido rigorosíssimo: tudo o que aqui vai narrado não está apenas ligado a fatos (e enfeitado pela imaginação do autor), mas compõe-se, no sentido mais estrito, exclusivamente de fatos (aos quais a imaginação do autor não acrescentou o mínimo ornamento, a menos que esse ornamento tenha sido também fornecido pela História). (CERAM, s/d, p. 14).

Contando, C. W. Ceram sobre a pessoa que, superando os sábios de sua época, conseguiu decifrar os hieróglifos, diz:

Em meados do ano de 1790 Jacques Champollion, livreiro na pequena localidade de Figeac, na França, mandou chamar urgentemente o “feiticeiro” Jacquou para ver sua mulher, que estava presa ao leito, completamente parálitica e já desenganada pelos médicos. Figeac fica no Delfinado, ao sudeste da França, na “Província das sete maravilhas”, uma das regiões mais belas do país, abençoada por Deus. É habitada por uma raça de homem rigidamente conservadora, difícil de arrancar de sua letargia, mas, uma vez despertada, capaz do mais exaltado fanatismo. Fora disso, é gente rigidamente católica e muito crédula.



O feiticeiro mandou deitar a doente – e isto é atestado por várias testemunhas – sobre ervas quentes, fê-la beber vinho quente, anunciou o seu convalhecimento imediato e profetizou (o que surpreendeu a família extraordinariamente) o nascimento de um menino que no futuro conquistaria glória imorredoura.

No terceiro dia a doente levantou-se. A 24 de dezembro de 1790, pelas duas

horas da manhã, nascia Jean-François Champollion, o futuro decifrador dos hieróglifos. Ambas as profecias se haviam cumprido.

Se crianças engendradas pelo diabo costumam nascer com cascos de cavalo, não é de surpreender que se encontrem marcas menores onde um feiticeiro pôs a mão. Examinando o menino François, o médico verificou com espanto que ele tinha a córnea dos olhos amarela, coisa que só os orientais costumam ter e que num centro-europeu era uma grande curiosidade. Além disso, tinha pele escura, quase pardacenta, e todo o talhe do seu rosto era pronunciadamente oriental. Vinte anos mais tarde seria geralmente chamado “O Egípcio”.

Com cinco anos de idade – conta um comovido biógrafo – realizou o seu primeiro trabalho de decifração, comparando coisas decoradas com a sua representação impressa e, depois, fazendo a leitura. Com sete anos ouviu pela primeira vez a fascinante palavra “Egito” “no brilho ilusório de uma *Fata Morgana*”, quando seu irmão mais velho, Jacques-Joseph, de doze anos, vê malgrado o seu projeto de tomar parte na expedição ao Egito.

É, segundo informam testemunhas e pessoas que ouviram dizer, um mau aluno em Figeac. Por isso, em 1801, seu irmão, que é um filólogo respeitável e muito interessado em Arqueologia, leva-o consigo para Grenoble e encarrega-se da sua educação. Como François, então com 11 anos de idade, não tarda a revelar conhecimentos extraordinários de latim e grego e começa a dedicar-se ao hebraico com êxito assombroso, Jacques-Joseph, considerando o que o irmão mais jovem fará um dia pelo nome da família, decide, embora ele próprio seja brilhantemente dotado, chamar-se modestamente Champollion-Figeac. Mais tarde usará apenas Figeac. No mesmo ano o jovem François trava conhecimento com Fourier. Este, que havia acompanhado a expedição ao Egito, era físico e matemático notável, fora secretário do “Instituto Egípcio no Cairo, comissário da França junto ao governo egípcio, chefe da Jurisdição e a alma da Comissão Científica. Na ocasião era prefeito dos Isère-Départements, tendo estabelecido residência em Grenoble e atraído para si imediatamente um círculo de mentalidades ilustres. Durante uma inspeção escolar tem um debate com François. Fourier convida-o a sua casa, mostra-lhe a sua coleção egípcia, e o rapaz olha encantado os primeiros fragmentos de papiros, vê fascinado as primeiras inscrições hieroglíficas em lajes.

– Pode-se ler isso? – perguntou.

Fourier abana a cabeça.

– Eu os lerei! – diz o pequeno Champollion, perfeitamente convicto (mais tarde ele conta esta história com frequência). – Dentro de alguns anos eu os lerei! Quando for grande!

O irmão cuidava da sua educação, tentando refrear a monstruosa e desgovernada sede de saber do rapaz. Em vão. Champollion procurava os campos mais remotos da erudição e abria trincheiras em todas as montanhas da sabedoria. Com doze anos escreveu o seu primeiro livro: “História de Cães Famosos”, e a carência de sinopses históricas, que dificultou o seu trabalho, levou-o a esboçar uma “Cronologia deste Adão a Champollion, o Jovem”.

Com treze anos começa a aprender árabe, siríaco, caldaico e, depois, copta. É digno de nota que tudo o que ele aprende, tudo o que faz, tudo o que procura, está

dentro da jurisdição do Egito! Tudo o que o interessa o conduz inesperadamente a um problema egípcio. Estuda o chinês antigo unicamente para demonstrar o seu parentesco com o antigo egípcio! Estuda espécimes de textos em zenda, pálave e parse, as línguas mais remotas, o material mais afastado, que só o nome de Fourier pode fazer chegar a Grenoble, reúne tudo o que se lhe oferece, e em 1807, com dezessete anos, traça o primeiro mapa histórico do Egito, o primeiro mapa do Império dos Faraós.

Só poderemos compreender o arrojo desse empreendimento se nos lembrarmos que as únicas bases existentes eram passagens bíblicas, na maioria textos latinos, árabes e hebraicos mutilados, o confronto com o copta, a única língua que talvez pudesse realmente servir de ponto para o velho egípcio e que era conhecida, pois fora falada até ao século XVII da nossa era no Alto Egito.

Ao mesmo tempo, reúne material para um livro. E por esse tempo resolve ir para Paris. A Academia de Grenoble deseja, porém, uma obra definitiva. Os professores pensaram na elaboração de um discurso ordinário, numa peça de retórica. Champollion esboça o livro “O Egito sob os Faraós”.

A 1º de setembro de 1807 apresenta-se perante a Academia – um jovem esguio, empertigado, com essa beleza héctica de todos os precoces – e lê a introdução. Formula teses arrojadas, expostas com uma lógica peremptória. O efeito é extraordinário. O jovem de dezessete anos é eleito por unanimidade membro da Academia.

Assim, da noite para o dia, Champollion passa de estudante a acadêmico.

Champollion atira-se ao estudo. Recusa-se terminantemente a ceder às tentações da grande capital [Paris], sepulta-se nas bibliotecas, corre de instituto a instituto, tem de atender a centenas de incumbências dos sábios de Grenoble, que o assoberbam com cartas, estuda sânscrito, árabe e persa (o “italiano do Oriente”, como o chama De Sacy), a língua-mãe de quase todos os idiomas orientais e, entretimentos, escreve a seu irmão sobre uma gramática chinesa – “para se distrair”!

Imbuí-se de tal maneira do espírito do árabe, que chega a modificar a própria voz, e, numa reunião, um árabe, tomando-o por um compatriota, começa a fazer-lhe o salamaleque. O seu conhecimento do Egito aprofunda-se de tal maneira pelo simples estudo, que o mais famoso africanista da época, Somini de Manencourt, depois de uma palestra que tem com ele exclama surpreendido:

– Ele conhece as terras de que falamos tão bem como eu mesmo!

Um ano depois já fala e escreve tão bem o copta (“Falo copta comigo mesmo...”) que, para se exercitar, escreve muitas das suas anotações nessa língua, com caracteres demóticos. E é isso que dá motivo a que quarenta anos mais tarde ocorra o jocoso episódio de um erudito publicar como original egípcio do tempo dos Antoninos, acompanhando de sagazes comentários... um traslado do livro alemão de Beringer sobre a petrificação!

Champollion estava novamente em Grenoble. Em 10 de julho de 1809 fora nomeado, na universidade, professor de história, e assim é que, com 19 anos de idade, vamos encontrá-lo como professor onde há pouco fora aluno, lecionando a jovens entre os quais havia muitos que dois anos antes tinham compartilhado com

ele os bancos escolares.

Entretanto, a sua intensa preocupação pela liberdade do povo e da ciência jamais limitou a sua paixão pelo estudo do Egito. Os seus estudos continuaram com uma fertilidade verdadeiramente incrível. Dedicava-se a assuntos remotos ou sem importância, preparava um dicionário copta, escrevia ao mesmo tempo peças teatrais para serem representadas nos salões de Grenoble, entre elas um drama tendo por tema Ifigênia, e compunha “chansons” de fundo político, que iam diretamente da sua mesa de trabalho para a boca do povo nas ruas.

Em 1822 publicava a sua “Lettre à M. Dacier relative à l’alphabet des hiéroglyphes phonétiques”, a obra que continha os fundamentos da decifração e que causou enorme sensação nos círculos interessados em solver os mistérios das pirâmides e dos templos.

Até à idade de trinta e oito anos só conhece a terra que havia estudado pelas inscrições. Sua viagem ao Egito se deu no período de julho de 1828 a dezembro de 1829.

Em Tell-el-Amarna descobriu que a construção gigantesca que Jommard havia considerado um celeiro de trigo fora, na realidade, o grande templo da cidade.

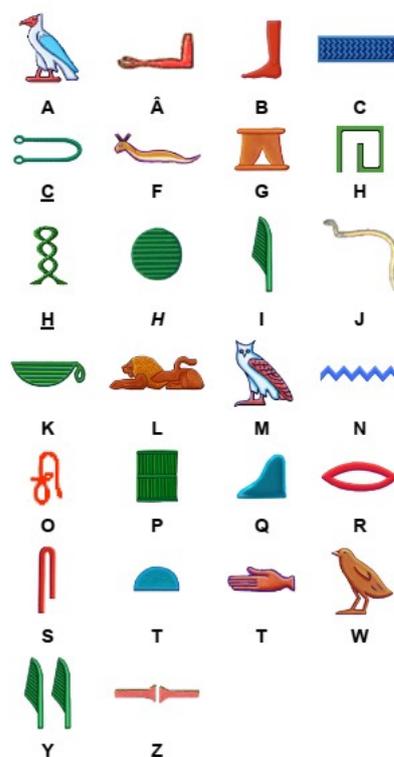
Era o primeiro grande templo egípcio bem conservado que ele via. E o que anotou durante a noite e depois mostra a intensidade com que aquele homem já tinha penetrado no Egito. De tal modo se havia preparado para aquilo em imaginação, em sonho e pensamento, que nada lhe parecia realmente novo, e tudo o que via confirmava apenas o que já tinha sentido.

Champollion, que desde anos era chamado “o Egípcio”, tanto em Grenoble como em Paris, comportava-se – todos os amigos o testemunharam – como um verdadeiro nativo.

Não só decifrava, não interpretava apenas. Tinha súbitas inspirações. Proclamou o seu triunfo sobre a Comissão: Aquele não era o templo de Ísis, como eles afirmavam, era o Templo de Hator, a deusa do amor.

A morte de Champollion três anos depois ocorreu cedo demais para a recém-nascida ciência da Egptologia. (CERAM, s/d, p. 87-108)

A Decifração dos Hieróglifos



Eis o que resumidamente pudemos trazer da história de Champollion.

Observar que desde muito jovem já tinha uma obsessão pelas coisas do Egito, todas as línguas que aprendeu tinham relação com esse país. E achamos

muito interessante que até a fisionomia dele era de um egípcio, apesar de ter nascido em solo francês. Isso devia mesmo ser impressionante pois até o apelidaram de “o Egípcio”. Podemos dizer que obsessivamente todas as coisas que o interessava na sua vida se resumia em coisas relacionadas ao Egito.

Tudo isso nos leva a crer, e quem quiser pensar o contrário é livre, que estamos diante de um caso de reencarnação, única maneira razoável de se explicar tamanha fascinação que o Egito exercia sobre ele. Por outro lado, a questão das línguas, a fisionomia, o conhecimento do Egito sem que o tivesse conhecido ainda, enfim, toda essa gama de fatores só justificaria se aceitarmos a reencarnação. Caso contrário teremos que admitir que Deus tenha agido com parcialidade, colocando tudo isso no Espírito de Champollion, uma vez que, sem a reencarnação, teremos que pressupor que seu espírito tenha sido criado ao seu nascimento.

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Out/2003.

Referência bibliográfica:

CERAM, C. W. *Deuses, Túmulos e Sábios*. São Paulo: Círculo do Livro, 2ª ed., s/d.

Imagem Champollion: disponível em: <https://images.imprensa.pt/expresso/2021-07-16-Jean-Francois-Champollion-10664a5a/original/mw-320>. Acesso em 18 nov. 2021.

Decifração dos hieróglifos, disponível em: <https://pt.scribd.com/document/231021875/A-Decifracao-Dos-Hieroglifos>. Acesso em 18 nov. 2021.